

O mundo de Wakanda e seu rei: análises

The world of Wakanda and its king: analysis

Daniela dos Santos Damasceno¹

RESUMO: Acerca da discussão da participação do negro nos diversos sistemas da sociedade, ainda há muitas trilhas possíveis. A arte dos quadrinhos pode servir como uma das trilhas, inclusive de artistas preocupados com as questões étnico-culturais. Muitos, negros ou negras ou não-negros, que refundam imaginários e personagens. Esta pesquisa consiste em um recorte temático de um projeto maior intitulado "Olhos de Pantera: o reino de Wakanda como heterotopia na contemporaneidade". Nesta pesquisa, optou-se por analisar o super-herói Pantera Negra que, embora seja um dos mais influentes da Marvel, é pouco explorado: compreender o estereótipo sobre o negro e seu espaço ancestral a partir de representações de um super-herói africano na HQ *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014), de Reginald Hudlin e Romita Jr. A obra escolhida constitui o cenário da pesquisa. Os personagens negros da narrativa, em especial o super-herói Pantera Negra e o seu espaço ancestral, o denominado país fictício Wakanda, constituem-se como os principais sujeitos da mesma. Portanto, buscou-se respostas para as seguintes questões: Como a análise de obras como *Black Panther: who is the Black Panther?*, de Reginald Hudlin e Romita Jr, e outros textos a elas filiados, podem avultar reflexões acerca da ancestralidade, tradições e culturas negras? Sublinham a história factual de luta e desmistificam contemporaneamente a imagem de subalternidade dos negros? De que maneira é possível demarcar estereótipos do super-herói negro Pantera Negra como protagonista da HQ e do seu espaço ancestral Wakanda?. Para isto, recorreu-se a autores, como: Gianni Vattimo (1990), Michel Foucault (1984; 1988), Alex de Barros Cassal (2001), Pereira (2002), dentre outros que se fizeram pertinentes à compreensão de categorias conceituais e teóricas a saber: heterotopia, representação, herói, estereótipos como também para demais análises.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipo; Heterotopia; História em Quadrinhos; Representação; Super-Herói Negro.

ABSTRACT: Regarding the discussion of black participation in the various systems of society, there are still many possible paths. The art of comics can serve as one of the tracks, including artists concerned with ethnic-cultural issues. Many, black or non-black, who refound imaginary and characters. This research consists of a thematic clipping of a larger project entitled "Eyes of Panther: the kingdom of Wakanda as heterotopia in the contemporaneity". In this research, we chose to analyze the Black Panther superhero who, although one of the most influential of Marvel, is little explored: Understand the stereotype about the black people and its ancestral space from representations of an African superhero in the HQ *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014) by Reginald Hudlin and Romita Jr. The chosen work constitutes the research scenario. The black characters of the narrative, especially the superhero Black Panther and its ancestral space, the so-called fictional country Wakanda, are the main subjects of the same. Therefore, we seek answers to the following questions: How can the analysis of works such as *Black Panther: who is the Black Panther?*, by Reginald Hudlin and Romita Jr, and other texts affiliated with them, can heighten reflections on black ancestry, traditions and cultures? Do they emphasize the factual history of struggle and demystify contemporaneously the image of subalternity of blacks? In what way is it possible to demarcate stereotypes of the black superhero Black Panther as protagonist of the HQ and its ancestral space Wakanda?. For this purpose, we have used authors such as: Gianni Vattimo (1990), Michel Foucault (1984; 1988; 2013), Alex de Barros Cassal (2001), Pereira (2002), among others who became relevant to the understanding of conceptual and theoretical categories namely: heterotopia, representation, hero, stereotypes as well as for other analyzes.

¹ Graduada do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia. Campus II. Integrante como estudante no grupo de pesquisa Línguas e Literaturas Estrangeiras na Sociedade Contemporânea - GPELLE, da UNEB. Orientada pelo Professor Dr. Sílvio Roberto Oliveira. E-mail: danisrd2014@hotmail.com

KEYWORDS: Stereotype; Heterotopia; Comic; Representation; Black Superhero.

Introdução

Cada pesquisador, ao atuar também como leitor, possui uma visão de mundo e peculiaridades que se destacam e se diferenciam. Apesar dos avanços relacionados às investigações e estudos das histórias e sociedades africanas, há muito ainda a ser explorado e preconceitos a desconstruir.

Do ponto de vista social, a investigação que aqui se desenvolve implica em reformular identidades e questionar as estigmatizações presentes na sociedade atual, formando cidadãos críticos e reflexivos sobre si mesmos e sobre a sociedade na qual estão inseridos. Ademais, a pesquisa se debruça sobre as linguagens consideradas não canônicas, a exemplo as histórias em quadrinhos, e atribui às mesmas a importância de formar leitores. No entanto, a nossa inquietação científica propõe analisar um dos heróis mais influentes da Marvel, mas pouco explorado, isto é, compreender o estereótipo sobre o negro e seu espaço ancestral a partir de representações de um super-herói africano na HQ *Black Panther: who is the Black Panther?*, de Reginald Hudlin e Romita Jr. Para tal fim, utilizaremos procedimentos analíticos para deslindar sentidos ao descrever cenas e personagens da narrativa.

A obra *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014), em si, constitui o cenário da pesquisa, pois é por esse suporte que o pesquisador tem acesso às possibilidades de interlocução e interpretação. Nele, os autores Reginald Hudlin e John Romita Jr. narram através dos quadrinhos, a história do primeiro super-herói negro, criado por Stan Lee e Jack Kirby, intitulado “Pantera Negra”. O super-herói é visto por muitos como um dos ícones culturais mais importantes da Marvel, pois surge no auge do período de luta dos movimentos negros pelos direitos civis nos EUA. O Pantera Negra e o seu espaço ancestral, constituem-se como os principais sujeitos da pesquisa.

Pretendemos responder as seguintes questões: Qual o mundo de Wakanda? Quais sentidos podem ser percorridos? Qual a sua geografia imaginária e em qual geografia política real se fundamenta? Quem é seu rei e o que representa?

Pantera Negra: quem é o soberano de Wakanda?

Embora não tenha sido o primeiro super-herói negro criado, o Pantera Negra é o primeiro a ganhar destaque. Criado por Stan Lee e Jack Kirby², no ano de 1966, é visto por muitos como um dos ícones culturais mais importantes da Marvel, pois surge nos auge dos movimentos negros na busca dos direitos civis nos EUA, mais precisamente três meses antes da fundação oficial do Partido Revolucionário estadunidense, conhecido como Partido dos Panteras Negras, originalmente *Black Panther Party*, atuando inicialmente na região de Oakland, Califórnia.

O partido dos Panteras Negras tinha por finalidade inicial proteger os “guetos negros” e os seus residentes dos atos de brutalidade da polícia. Dessa forma, suas principais atividades relacionavam-se com o monitoramento da polícia, via obstrução e denuncia do racismo, e infração dos direitos civis, além da denúncia da violência dos órgãos de segurança, e a intimidação, seja física ou através de mobilizações públicas. Assim, suas ações seguiram na perspectiva de resolver problemas na sociedade, em especial os provenientes da desigualdade, preconceito e discriminação racial, que impediam a participação dos negros no sistema político, cultural, social e educacional.

Um ano após a oficialização do partido enquanto partido político, foi lançado o jornal *The Black Panther*, alcançando, junto com o próprio partido, sua expansão no território americano. Conforme assinala Lima (2013) com a formulação de um documento de título *Land, Bread, Housing, Education, Clothing, Justice and Peace*, o partido exigiu uma série de demandas que, inclusive, fomentaram a cisão do partido entre uma parcela mais radical que defendia a luta armada e uma parcela mais moderadora que procurava nos meios legais a construção de metas para efetivar a igualdade racial em meios políticos e jurídicos. Com acusações diversas de participações em crimes de alguns membros do partido, entre choques internos e externos, o Partido dos Panteras Negras

²Stanley Martin Lieber, mais conhecido como Stan Lee, nasceu em 28 de dezembro de 1922 em Nova York. Sendo escritor, editor, publicitário, diretor, empresário e ator, em parceria com outros importantes nomes dos quadrinhos, criou a partir do início dos anos 1960 super-heróis e vilões complexos. Entre suas maiores criações estão: Pantera Negra, Homem de Ferro, Homem-Aranha, Incrível Hulk, X-men e o Quarteto Fantástico. Nos anos de 1960 sua prolífica produção culminou na qualidade de escritor e editor chefe da Marvel Comics. Para tal feito, Stan Lee contou com a colaboração de importantes quadrinistas, a exemplo de Jack Kirby. Jacob Kurtzberg, mais conhecido pelo nome artístico Jack Kirby, nasceu em Nova York no dia 28 de agosto do ano 1917 e faleceu aos 76 anos, em 6 de fevereiro de 1994. Além de quadrinista, Kirby também foi roteirista, arte-finalista, designer, e editor de HQs americano. Juntos, Stan Lee e Jack Kirby foram capazes de criar praticamente o universo Marvel como conhecemos hoje.

atravessou uma revoltosa década de 1970, encontrando seu esfriamento político-militante nos anos 1980.

Segundo Chaves (2015), apesar do partido vincular-se ao projeto de busca da unidade e orgulho racial, característico da negritude, o FBI (Federal Bureau of Investigation) associou o partido dos Panteras Negras a um programa racista, fascista, intolerante e separatista, que justificaria, as ameaças à segurança nacional, a campanha de época da destruição dos Panteras. Contudo, um estudo realizado por Joshua Bloom e Waldo E. Martin Jr (2013), acerca dos direitos civis e movimentos sociais, demarca que os Panteras Negras buscaram ser essencial e verdadeiramente antirracistas.

Tendo em vista as influências de Martin Luther King e Malcolm X, o Partido dos Panteras Negras foi não apenas tão efetivo nas ações, mas também rico no discurso, reflexões e debates. No entanto, apesar de influentes ambos eram tanto ideologicamente quanto na prática social e política, divergentes, mesmo que buscassem os mesmos fins. Enquanto o ministro da igreja batista Martin Luther King Jr., o mais jovem ganhador do Prêmio Nobel da Paz buscava através de estratégias pacíficas encontrar a convivência harmoniosa entre brancos e negros, numa outra posição estava Malcolm X, que se chamava Malcolm Little, mas repudiou seu nome de origem inglesa como negação à dominação branca através do sobrenome de seus senhores. Dessa forma, seu combate voltava-se a estratégias muito mais radicais na busca da supremacia negra à custa de métodos “violentos”.

Contudo, apesar do aspecto significativo e influenciador do movimento dos Panteras Negras, o nome *Black Panther* já era conhecido da história norte-americana, pois o mesmo havia sido usado na Segunda Guerra Mundial. Segundo Lima (2013) a *761st Tank Battalion* foi uma unidade militar de infantaria que era formada em suas vastas fileiras de soldados afro-americanos, além de alguns poucos oficiais, todos hierarquicamente subordinados a oficiais brancos, proibidos por uma lei Federal de lutarem em tropas de homens brancos. Por conta dessa segregação étnica-fenotípica, o emblema dessa força militar era um vigoroso brasão com a cabeça furiosa de uma pantera negra sobre a inscrição *come out fighting*, ou “sair lutando”, numa tradução mais direta. Efetivada em campo de batalha, atuou em combates na Inglaterra e na França, chegando a fazer parte dos planos estratégicos do General George Patton, emblemático militar norte-americano.

Por conseguinte, a criação do Pantera Negra e de toda a mitologia Wakandana parece ser uma resposta à violência sofrida por americanos descendentes de africanos na década de 1960. Ao situar o super-herói no continente africano, de certo modo, além de se desviar das polêmicas sociais da época nos Estados Unidos, a Marvel também consegue atender o mercado representando uma comunidade étnica ainda não representada. Assim, através do contexto em que foi criado, o Pantera Negra se tornaria o precursor de outros super-heróis negros que surgiriam tempo depois. Sua primeira aparição foi na revista *Fantastic Four* #052 (1966), da editora Marvel, ilustrada a seguir:

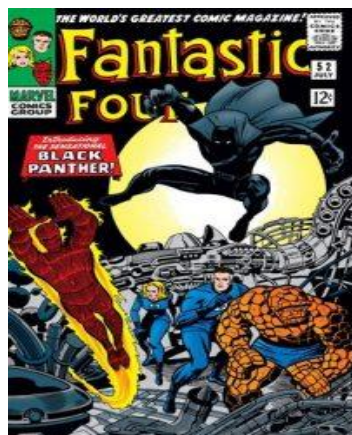


Figura 1: capa da revista *Fantastic Four* #052 (1966)

Na revista o Quarteto fantástico é convidado a ir a Wakanda, por um homem misterioso que surge no edifício Baxter, a mando do super-herói Pantera Negra.³ Já nas terras dos Wakandanos, a família fantástica passa a experimentar das habilidades do super-herói, tornando-se a principal caça do mesmo. Nota-se que o Quarteto fantástico se surpreende com o avanço tecnológico do país fictício situado na África e mais ainda das incríveis capacidades pelas quais o super-herói negro ficaria conhecido.

Contudo, durante a leitura da HQ é possível identificar dois tipos distintos de heróis assinalados e analisados por Campbell (1997), a saber: o que busca se aventurar intencionalmente e aquele que é levado a lutar por imposição, tendo em vista a sobrevivência de si e/ou do outro. Portanto, fazendo-se associação de alguns pontos das duas concepções do herói, nota-se que o Pantera Negra é aquele que busca

³O Quarteto Fantástico foi criado pelo escritor-editor Stan Lee e o ilustrador Jack Kirby em 1961. O grupo é originalmente formado pelos seguintes heróis: Reed Richards (Senhor Fantástico), Sue Storm (Garota Invisível), Ben Grimm (Coisa), e Johnny Storm (Tocha Humana). Nota-se que, a personalidade e poderes dos personagens foram moldados e inspirados nos quatro elementos gregos: Terra (Coisa), fogo (Tocha Humana), vento (Mulher Invisível) e água (a "fluidez" do Senhor Fantástico, além de seu corpo elástico).

propositalmente aventurar-se ao convidar o Quarteto fantástico para o seu reino Wakanda, objetivando testar seus poderes e suas habilidades através de inúmeras armadilhas planejadas para cada integrante da super família. Uma vez que, T'Challa viu os super seres do mundo como ameaças potenciais para Wakanda, força-os a uma série de testes que resulta ao final na defesa e conseqüentemente na vitória dos quatro fantásticos.

Ademais, ao longo da narrativa, observa-se como alguns dos membros da família fantástica se apropriam de falas pejorativas ao se referirem não apenas ao super-herói africano, mas também ao seu espaço ancestral. Logo, no primeiro quadro da história, com participação de T'Challa, fica evidente o estereótipo do personagem africano quando Benjamin Grimm, ou o Coisa se refere ao rei de Wakanda: “[...] Mas como um refugiado de um filme do Tarzan conseguiu esse tipo de geringonça?” (LEE; KIRBY, 1966, p. 3). Questiona o Coisa como um africano poderia ter “tomado posse” de uma aeronave de tecnologia tão avançada.

Na mesma edição, em páginas posteriores, Johnny Storm ou o Tocha Humana, mostra-se duvidoso quanto a natureza do veículo aéreo: “[...] Como um rei africano tem uma nave que voa por ondas magnéticas?” (LEE, KIRBY, 1966, p. 7). Logo, observa-se um choque de culturas, na qual a cultura ocidental teria uma certa prioridade, especialmente no que diz respeito à construção de aparatos tecnológicos e científicos. Portanto, fica clara a negação de ambos em relação a tecnologia alçada por um africano, sendo este rei, líder e a principal cabeça militar e política de Wakanda.

O trecho citado acima ilustra a ideia de que há lugares estabelecidos para cada indivíduo na sociedade, isto é, um padrão, especialmente para o negro, que, quando ascende socialmente parece estar desafiando esse padrão. Neste caso, o Pantera, um homem negro e africano, se desloca do seu “lugar subalternizado e inferior”, já determinado na sociedade e se sobressai surpreendendo o Quarteto fantástico ao ocupar um “lugar de poder”, um “lugar superior”. Conforme Pereira (2002), os estereótipos se revelam como fotografias, visto que estão ligados à produção de uma mesma impressão inúmeras vezes. Uma vez arquivadas na memória, essas fotografias são compartilhadas através das opiniões sociais.

Partindo desses pressupostos, nota-se que inicialmente os autores utilizam da visão falsa e simplista dos personagens para reforçar os estereótipos de povos africanos,

ainda reproduzidos e compartilhados na sociedade contemporânea. Porém, em seguida, desconstrói as noções estabelecidas revelando que Wakanda, representada pelo governante Pantera Negra, está distante de ser uma nação de “selvagens africanos”. Desta forma, Lee e Kirby reformulam a identidade do super-herói enquanto negro e africano, além de expor que não só as aeronaves são de tecnologia de Wakanda como foram arquitetadas pelo próprio T’Challa. Assim, o super-herói é estabelecido como um dos mais completos da Marvel, além de uma mente brilhante, também habilidoso e poderoso o suficiente para enganar e quase destroçar a super família.

Uma das narrativas mais recentes com o super-herói foi intitulada *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014), também adaptada à animação e serializada pela Marvel. Em ambas as linguagens é possível perceber algumas reformulações em relação ao super-herói, sendo o mesmo equiparado a outros personagens influentes da Marvel, como o Capitão América. Segue a capa da obra:



Figura 2: capa da revista *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014)

Reginald Hudlin e Romita Jr. contam sob novos ângulos a história do Pantera Negra, que o destina, de fato, ao universo cinematográfico. Segue uma contextualização da carreira dos artistas:

Reginald Hudlin é um escritor americano, além de diretor de cinema e produtor. Enquanto estudante de graduação na Universidade de Harvard, Hudlin dirigiu um curta-metragem intitulado "House Party", que passou a receber inúmeros prêmios, incluindo o primeiro lugar no Prêmio “Sociedade Negra no cinema americano”, que lhe serviria como base para seu primeiro filme de mesmo nome.

Dentre os seus escritos está a série e HQ da Marvel Comics *Black Panther* 2005-2008. O roteiro criado por Hudlin deu início a uma era de ouro do Pantera Negra, pois foi na época em que o personagem se tornou famoso entre os fãs de quadrinhos. Embora as versões anteriores do super-herói fossem divertidas e inspiradoras, Hudlin buscou na sua obra diferir o título Pantera negra das encarnações antecessoras, à medida que buscou manter todas as características centrais de T'Challa: um homem de moral, incrivelmente rico e poderoso, além de bem politizado, inteligente e com vastos conhecimentos científicos. Como negro, o super-herói deveria representar a concretização do potencial de sua pátria mãe.

O artista escolhido para dar vida ao personagem e aos traços na série e também na HQ *Black Panther: who is the Black Panther?* foi John Romita Jr.

John Salvatore Romita Jr. é um artista de histórias em quadrinhos americano, mais conhecido pelo seu extenso trabalho para a Marvel Comics entre as décadas de 1970 a 2000. Romita começou sua carreira na Marvel UK, fazendo desenhos para as capas de reimpressões. A popularidade de Romita Jr começou com a sequência de histórias na revista de "Homem de Ferro", com o escritor David Michelinie e o artista Bob Layton, iniciada em 1978. No início dos anos 80, ele teve sua primeira sequência regular para a série "Amazing Spider-Man", além de ter sido o artista responsável pela história de estreia de "Cristal", a heroína mutante.

Na obra *Black Panther: who is the Black Panther?*, Hudlin e Romita buscaram reconstruir e gerar uma nova realidade à medida que focalizaram o super-herói Pantera Negra e seu espaço ancestral, o país fictício "Wakanda", constituído por uma sociedade justa, e principalmente autônoma política e economicamente. Conforme Dirlík (1994), o discurso pós-colonial busca superar a crise de entendimento produzida pelo poder resultante do processo colonizador, revertendo, deslocando e redimensionando o aparato de conhecimento da dominação ocidental. Dessa forma, busca-se redefinir as imagens alimentadas pela violência colonial e conseqüentemente geradoras de discriminação.

Wakanda é um país situado no continente africano notado por ser totalmente independente de outros países. Apesar de potências como Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Estados Unidos, União Soviética e outros tantos impérios se apropriarem de porção de terra e recursos africanos, os mesmos nunca foram capazes de invadir e conquistar Wakanda. Por conseguinte, Wakanda bloqueou não só o domínio completo da

África pelos poderes coloniais, mas sua evolução cultural permaneceu inalterada por séculos, estando mil anos à frente dos Estados Unidos, já que podia contar com um dos minerais mais valiosos, o Vibranium.

Portanto, livres do julgo da colonização, os wakandanos preservaram não apenas suas especificidades culturais, mas também criaram um paraíso ecológico e tecnológico que, em comparação fez as outras nações parecerem primitivas. Apesar de possuírem o petróleo, os wakandanos dispõem de outras fontes de energia, mais limpas e baratas, como a luz solar ou até mesmo o hidrogênio, não se aliando a nenhum outro país. Ademais, Wakanda não utiliza as suas riquezas naturais para enriquecer ou trazer o comércio, mas sim para desenvolver a sociedade e promover melhor qualidade de vida dos seus habitantes.

Entretanto, na HQ, os poderes coloniais continuavam controlando os territórios africanos por meio de ladrões gananciosos, como Bokassa e Mubutu. Ambos os personagens, se desviam dos ideais igualitários e libertários, aplicando nos seus países um sistema cleptocrático. Desse modo, o principal objetivo resumia-se na extração dos bens comuns da população, ou seja, no roubo do capital financeiro de um país. Pode-se observar que diferente de Wakanda, em que o regente Pantera Negra usa a riqueza do seu país para o desenvolvimento do mesmo, a nação de Niganda sofre com a exploração que beneficia um grupo específico de indivíduos ditos detentores do poder, em especial o seu regente Mubutu.

A primeira cena da narrativa se passa no século 10, quando uma tribo vizinha caminhando pelas savanas vai à busca da sua próxima conquista, isto é, Wakanda. Mas, antes mesmo de chegarem a pisar em territórios wakandanos, são massacrados através de armadilhas e de outras tecnologias originárias do reino. Ademais, representando a virada do século, a cena seguinte reflete a chegada dos bôeres na África do Sul, e a tentativa dos mesmos em colonizar Wakanda. No entanto, ao se dirigirem a Wakanda, com o intuito de tomar seus bens, são surpreendidos, mortos e mutilados devido ao magnetismo que a tecnologia dos nativos passa a exercer sobre os seus armamentos.

Mesmo se isolando do resto do mundo, Wakanda possui um sistema político muito bem estruturado, cuja figura central reside no rei Pantera Negra, um culto guerreiro que atua como a cabeça militar, religiosa, econômica, e política da nação. O Pantera Negra é eleito a partir de um ritual, uma tradição que surgiu com o primeiro Pantera Negra, o

Bashenga. Assim, apesar do título Pantera Negra ser hereditário, isto é, passado de pai para filho, o eleito deve-se provar merecedor do título. Desta forma, uma vez ao ano os cidadãos de Wakanda, que treinaram toda a sua vida, têm a oportunidade de desafiar o Pantera Negra e, se vencedor, receber o título e o posto do mesmo. Além dos sentidos humanos expandidos, o novo monarca absorve todas as experiências dos Panteras Negras antecessores, o que resulta em maior sabedoria e conhecimento. Percebe-se que, a tradição se constitui como uma das marcas de valorização da ancestralidade do povo wakandano.

Conforme assinala Damasceno (2016), o título Pantera Negra dá ao homem poder, riqueza e a missão de proteger todos os habitantes de Wakanda. Bem politizado, o Pantera Negra atual é o soberano de uma nação africana que conflitua com o governo dos EUA; porém, de certa forma, é o equivalente africano do Capitão América, representando os supostos melhores valores africanos, a personificação dos ideais de um continente. Além disso, o herói é também homem de negócios que lucra com a própria integridade cultural. Nesse sentido, o Pantera Negra T'Chaka, pai de T'Challa, era um jogador político internacional, ele visitava outros países e conferências apesar de não fazer acordo com outras nações a fim de preservar a riqueza, identidade e continuidade dos wakandanos.

T'Challa carrega a marca da injustiça ao ver seu pai sendo assassinado numa conferência de Bilderberg, uma reunião anual dos principais poderes econômicos do mundo, a qual tinha como objetivo tentar negociar parte dos recursos, depósitos de petróleo, curas médicas desconhecidas no mundo ocidental e em especial o Vibranium de Wakanda. Porém, uma vez que ficou claro que não haveria negociação, Ulysses Klaw, o Garra Sônica, contratado por alguns governantes, entra em cena e mata o Pantera Negra T'Chaka. O assassino é imediatamente atingido por um tiro de T'Challa, que mesmo pequeno já se demonstrava merecedor do espírito da Pantera. Desse modo, a sobrevivência de T'Challa garante a felicidade vindoura, afinal ele vai salvar os wakandanos do caos. Nessa perspectiva, como bem assinala Cassal (2001):

(...) a natureza do herói é sempre a mesma: a luta, o enfrentamento. (...) Falo do herói como uma representação, um signo de ação, conflito, destruição, mudança, metamorfose. Ele faz as coisas acontecerem: decifra segredos, pega em armas, viola virgens, derruba reinos, mata dragões. Destruindo a velha ordem para criar a nova, o herói mostra um caráter fundamentalmente revolucionário, radical, pois

não aceita mediações ou contemporizações – é o sujeito da história por excelência. (CASSAL, 2001, p. 8).

Como característico das histórias de super-heróis, uma ameaça surge através de uma equipe de invasão a Wakanda, liderada por Ulysses Klaw, o Garra Sônica. O vilão Ulysses Klaw é motivado não apenas por ser contratado a destruir Wakanda, mas principalmente por uma vingança pessoal: seu tataravô, um dos colonizadores da África do Sul, foi morto pelo Pantera Negra ao tentar adentrar em Wakanda. Desta forma, Klaw reúne os mercenários Batroc, Rino, Homem Radioativo, Canibal e até mesmo o Cavaleiro Negro, dando início ao cerco à Wakanda. Os mercenários representam quatro nações ditas comprometidas com a civilização da África, sendo elas: Bélgica, França, Estados Unidos e Grã-Bretanha. Todavia, o que eles descobrem na prática, é que esse não é um feito simples de se realizar.

Na obra, a civilização europeia ou a mentalidade dela decorrente, representada por sujeitos brancos, aparecem como uma “máquina complicada e corrupta”. Partindo desses pressupostos, o ocidente almeja apenas explorar as terras, são eles a marca da ambição, arrogância, crueldade e os porta-vozes do preconceito, e intolerância. No caso de Wakanda, durante a narrativa pode-se perceber uma crítica religiosa, pois até mesmo a Igreja deseja converter os “pagãos”, numa clara lembrança das Cruzadas Sagradas, como na fala de um dos personagens: “[...] são um bando de infiéis animistas. Toda aquela tecnologia e eles continuam rezando pro “Deus Pantera”! É por isso que temos que converter Wakanda custe o que custar!” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 71). Logo, percebe-se o interesse do roteirista pela acentuação do pensamento branco hegemônico, que considera os negros inferiores devido as suas especificidades culturais, notadamente religiosas. Sobre isto, Borges assinala:

A supremacia da ideologia branca tende a impor seus valores morais, éticos e religiosos, já sustenta em si a visão do “outro” inferior, que precisa ser salvo, isto é aculturado, para que possa adentrar a chamada civilização. Mas, quando a sociedade torna-se impossibilitada de lidar com as diferenças, pune o diferente. (BORGES, 2011, p. 4).

Contudo, apesar de Hudlin centralizar e potencializar vozes antes marginalizadas, além de conferir novos sentidos aos mesmos através do super-herói africano Pantera Negra, notou-se o uso de estereótipos reproduzidos nas falas de alguns personagens ao longo da narrativa. Mesmo inconscientemente ou não, Hudlin posiciona os estereótipos

negros como forma de desmascarar logo em seguida as falsas e simplistas atribuições acerca do homem africano, nesse caso dos wakandanos. No primeiro quadro de história, momento este em que um dos bôeres estava a caminho de Wakanda com sua tropa de escravizados, afirma: “Eles têm medo dos wakandanos, senhor. De **magia negra**... esse tipo de coisa.” (HUDLIN & ROMITA JR., 2014, p. 8).

Assim, o estereótipo já cristalizado no imaginário social/racista, resulta ao longo da narrativa na ação preconceituosa e no comportamento de discriminação de alguns personagens, sendo esta manifestada “nas circunstâncias em que ocorre um tratamento injusto em relação a alguma pessoa exclusivamente em decorrência da afiliação da pessoa objeto desse tratamento”. (PEREIRA, 2002, p. 88), visto que alguns integrantes da tropa dos bôeres se negaram adentrar a Wakanda, uma vez que acreditavam que os wakandanos praticavam rituais demoníacos e de bruxaria, como exemplificado no trecho: “Sua **bruxaria** consegue aguentar setecentas balas por minuto?” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 16).

Na HQ, as práticas ritualísticas e os cultos descritos através das falas de alguns personagens são constantemente reduzidos e demonizados. Portanto, ambos os termos “magia negra” e “bruxaria” marcam não apenas as atribuições negativas as práticas de fé em Wakanda, mas são também utilizados como estratégia de manutenção dos interesses econômicos e políticos, mas também religiosos.

No trecho “Nós não vamos perder nosso espírito civilizado por causa desses **macacos!** Não vamos descer ao nível deles” (HUDLIN & ROMITA, 2014, p. 11), o estereótipo do binômio “negro-macaco” é encontrado. Segundo Thomaz (1988) Os adjetivos relativos à "identidade humana" foram construídos em perspectiva comparada com a "identidade animal". O "homem" contrasta ao "animal" e o traço que vai distinguir a identidade de ambos é a intelectualidade, isto é, o homem seria o único animal dotado de inteligência. (apud ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 272). Nesse sentido, Abrahão e Soares (2011) assinala que a espécie humana teria partido da condição do macaco para a de *homo sapiens*, ou seja, aqueles seres que são dotados de inteligência. A partir desta representação o imaginário racista se alimenta da ideia de que a “raça negra” não teria atingido esta condição superior, pois comparando com a “raça branca” os negros seriam atrasados do ponto de vista intelectual. Partindo desses pressupostos, é possível perceber que:

Em relação ao negro, poder-se-ia dizer que o preconceito racial consiste, em certo sentido, num característico sistema de reações estereotipadas, mais ou menos integradas, que são adquiridas, por diversos modos, na vida social - não no contato com o negro, mas através da assimilação das opiniões existentes sobre os negros. (ABRAHÃO; SOARES, 2011, p. 270).

Todavia, os estereótipos de povos selvagens reforçados inicialmente através da visão dos bôeres e também do vilão Klaw, são em seguida esmagados, tendo em vista que Hudlin não apenas centraliza a narrativa no herói, mas exalta o Pantera Negra. O super-herói não apenas insufla no povo a vontade de resistir, mas é ele a referência de coragem e solidariedade do seu espaço.

Wakanda: heterotopia contemporânea

Como já salientado no tópico anterior, na revista *Fantastic Four* #052 (1966) o Pantera Negra tem a sua primeira aparição, assim como seu espaço ancestral Wakanda, um país fictício situado no continente africano. Embora, na HQ o foco permaneça em apresentar o Pantera Negra e o embate do mesmo com os membros da família da mulher invisível, é possível destacar algumas características e percepções, por sua vez estereotipada, que o Quarteto Fantástico tem de Wakanda. A partir da fala de um dos personagens, a saber Benjamin Grimm ou o Coisa: “[...] é hora de visitar Wakanda [...] o safári apenas começou” (LEE; KIRBY, 1966, p. 9), podemos perceber a imagem reducionista e simplista do mesmo, ao relacionar Wakanda, a um safári, denotando um espaço de caça a animais, de exploração e/ou expedição por um dito “lugar selvagem”, neste caso, a África.

Na mesma edição, em páginas posteriores, observamos que, a terra antes primitiva sob o olhar da família fantástica, é agora: “[...] uma **estranha nova terra** [...] é uma selva de verdade, mas como se nada tivesse sido gerado pela natureza! É uma selva **feita pelo homem!**” assinalou Reed Richards, o senhor fantástico (LEE; KIRBY, 1966, p. 10). Partindo desses pressupostos, nota-se que quadro de Wakanda pintado por Lee e Kirby é, de certo modo, contraditório. De modo simultâneo, os autores apresentam, a partir da fala dos personagens, duas faces distintas de Wakanda. Primeiro, uma nação que mantém um culto religioso já “previsível” (padrão alimentado por meios de comunicação em termos de povos africanos) e tradições consideradas pela família fantástica como arcaicas. No entanto, logo em seguida, os autores apresentam uma nação que está no

topo das potências mundiais, um país situado no continente africano que nunca foi conquistado, espoliado, mas que só evolui sem precisar de acordos externos, sendo a mais avançada do universo Marvel.

Diferente da primeira aparição, em que o super-herói Pantera Negra e seu espaço ancestral Wakanda são notadamente concebidos a partir de uma estranha mistura das ideologias ocidentais estereotipadas e conseqüentemente preconceituosas sobre nações africanas, para só em seguida serem reconhecidos como potências, a obra de Hudlin e Romita Jr., *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014), centraliza o super-herói Pantera Negra e seu espaço ancestral Wakanda, como geradores de novas realidades, desse modo, o espaço funciona como sujeito de análise.

Na obra, diferente de várias regiões da África, Wakanda é caracterizada por ser uma nação notadamente independente de outros países e conseqüentemente por nunca ter sido conquistada ou explorada em toda a sua história. Embora, potências mundiais, como Inglaterra, Alemanha, França, Bélgica, Estados Unidos, União Soviética e outros tantos impérios se apropriarem de porção de terra e recursos africanos, os mesmos nunca foram capazes de invadir Wakanda. Ademais, Wakanda bloqueou não só o domínio completo da África pelos poderes coloniais, mas sua evolução cultural permaneceu inalterada por séculos, estando mil anos à frente dos Estados Unidos, já que podia contar com um dos minerais mais valiosos o Vibranium. O metal tem a capacidade de absorver tudo, desde vibrações, algumas radiações atômicas ou energéticas, até mesmo impactos poderosos. Suas reservas minerais são escassas por ser um metal muito raro, e foram encontradas quase que exclusivamente na África, essencialmente no reino fictício de Wakanda.

Contudo, Wakanda é uma sociedade que não pode ser comprada, nem escravizada. À medida que re(apresenta) e representa o continente africano e suas culturas, é possível reconhecermos Wakanda como **heterotopia** na contemporaneidade, para tal fim nos debruçamos sobre Foucault (1984) e Vattimo (1990):

Michel Foucault (1984) nos ajuda a esclarecer a diferença entre utopias e heterotopias. De certo modo, as utopias são os lugares sem lugar real, isto é, imaginários inexistentes. Assim, tende a apresentar uma sociedade aperfeiçoada ou totalmente o contrário, são espaços fundamentalmente irrealis. Já as heterotopias são uma espécie de utopia em lugares reais e efetivos, contudo, não se trata do espaço ideal, mas o espaço

de múltiplas manifestações, na medida em que esse mesmo espaço possui regras de entrada e saída próprias, além de modos de se relacionar também próprias.

Nos espaços heterotópicos, os posicionamentos reais podem ser encontrados, representados, contestados e invertidos no interior da cultura; ou seja, os lugares que estão fora de todos os lugares, contudo localizáveis, e alimentam outras possibilidades de existência. Partindo destas perspectivas, o espaço ancestral do Pantera Negra constitui-se como “heterotopia”, o dito “espaço diferente”, isolado, cercado e protegido, mas ao mesmo tempo múltiplo, o lugar do outro que se distingue de outros espaços. Mas que, mesmo se tratando de um espaço ficcional, se aproxima de lugares reais já existentes.

Por sua vez, Gianni Vattimo (1990) nos proporciona compreender o percurso da utopia à heterotopia. Ao introduzir a ideia de utopia, o autor assinala que só através da perda da realidade é possível liberdade e emancipação, à medida que minorias tornam-se capazes de tomar a palavra. Nesse sentido a utopia só se realiza desenvolvendo-se como heterotopia “se professo meu sistema de valores religiosos, éticos, políticos, étnicos- neste mundo de culturas plurais, terei também uma aguda consciência da historicidade, contingência e limitação de todos estes sistemas, começando pelo meu.” (VATTIMO, 1990, p. 85). O autor demarca que:

O desenvolvimento da experiência estética como experiência da comunidade e não como avaliação de estruturas dá-se, todavia, apenas no mundo da cultura de massa, do historicismo difundido, do fim dos sistemas unitários. É por isso que não se trata de uma realização pura e simples da utopia, mas de uma sua realização distorcida e transformada: a utopia estética só se realiza desenvolvendo-se como *heterotopia*. (VATTIMO, 1990, p. 74).

Portanto, através da concepção de heterotopia, por exemplo, é possível considerar na sociedade a presença do espaço marginalizado, e inconstante, isto é, o espaço outro ou o outro espaço, que muitas vezes se passam despercebidos. Compreender Wakanda como heterotopia, implica em dar visibilidade de indivíduos e fenômenos que poderiam permanecer no escuro pelas leituras universalizantes. Ademais, se tratando de um país fictício situado na África, é através desse espaço outro que podemos questionar a verdadeira história do continente africano, reconhecer uma nova leitura de África.

Wakanda como espaço heterotópico se distancia de todos os outros lugares, isto é, é o espaço da justaposição, conseqüentemente desliza e inquieta a medida que, se constitui como “o centro fora do centro”. Percebe-se que, as fronteiras de Wakanda são firmemente fechadas e eles se relacionam com o mundo sob seus próprios termos; ou

melhor, não se relacionam, não partilham das suas descobertas, nem são influenciados por religiões e políticas externas. Entretanto, mesmo se isolando do resto do mundo, Wakanda possui um sistema político muito bem estruturado, cuja figura central reside no rei Pantera Negra, um culto guerreiro que serve como a cabeça militar, religiosa, econômica, e política da nação.

Ao posicionar T'Challa, o Pantera Negra, como líder, cabeça política e militar, o mesmo se encarrega de proteger, governar e ditar quem é ou não bem-vindo, quem deve ou não ultrapassar a "fronteira". Nesse sentido, a fronteira nos parece simbolizar não apenas afastamento as exclusões, sendo este consciente e necessário, mas a possibilidade de criar regras de conduta e de relações próprias. Embora outras nações estejam perto geograficamente, seu contexto real e suas condições culturais e econômicas próprias, por exemplo, os distanciam e os diferenciam dos demais. Assim, qualquer espaço não wakandano, em especial o espaço do homem branco/europeu é rejeitado e evitado.

Logo, as heterotopias presumem um sistema de entrada e saída, abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis. Normalmente para ter acesso a esses espaços heterotópicos o indivíduo tem que seguir regras e se submeter a rituais e purificações específicas. Em Wakanda, o Pantera Negra é eleito a partir de um ritual, como já foi exposto anteriormente, uma tradição que surgiu com o primeiro Pantera Negra, o Bashenga. Assim, apesar do título Pantera Negra ser hereditário, isto é, passado de pai para filho, o eleito deve-se provar merecedor do título. Desta forma, uma vez no ano os cidadãos de Wakanda, que treinaram toda a sua vida, têm a oportunidade de desafiar o Pantera Negra e, se vencedor, receber o título e o posto do mesmo. Além dos sentidos humanos expandidos, o novo monarca absorve todas as experiências dos Panteras Negras antecessores, o que resulta em maior sabedoria e conhecimento. Bem politizado, o Pantera Negra atual é o soberano de uma nação africana que conflitua com o governo dos Eua; porém, de certa forma, é o equivalente africano do Capitão América, representando os supostos melhores valores africanos, a personificação dos ideais de um continente.

Segundo Foucault (2013), existem espaços "que são absolutamente diferentes: lugares que se opõem a todos os outros, destinados, de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los" (FOUCAULT, 2013, p. 20). Com tal característica, Wakanda

é o “lugar outro”, o lugar do outro diferenciado, construiu uma cultura própria, cultos e rituais específicos. Portanto, podemos considerar Wakanda como um “contra espaço”, isto é, uma nação destinada às vivências fugidias (eles vivem isolados, cercados, e protegidos), que não se encaixa ou se alinha em determinados modelos.

Trata-se de pensar o espaço wakandano, portanto, como condutor e constituidor de identidade e alteridade. Wakanda é essa alteridade, é o lugar “diferente” e que altera o sistema. Observa-se na HQ, por exemplo, que enquanto os poderes coloniais continuavam controlando os territórios africanos, a exemplo de Niganda, por meio de ladrões gananciosos, como Bokassa e Mubutu (ambos os personagens aplicavam nos seus países um sistema cleptocrático), em Wakanda, o líder Pantera Negra buscava preservar os recursos naturais e as especificidades culturais do seu espaço ancestral, de modo que, criou juntamente com os wakandanos, um paraíso ecológico e ao mesmo tempo tecnológico que, em comparação fez as outras nações parecerem primitivas.

Embora um país fictício, é possível localizar Wakanda através de reinos já existentes/reais, a exemplo o reino de Axum. Na obra “História geral da África II: África antiga” editada por Gamal Mokhtar (2010), mais especificamente no capítulo denominado “A civilização de Axum do século I ao século VII” o autor F. Anfray nos traz informações suficientes para considerarmos Axum, um dos maiores impérios do mundo. Nota-se que, o conhecimento do autor, acerca da civilização axumita deriva de fontes várias, entre as quais incluem passagens dos autores antigos, desde Plínio até os cronistas árabes, como Ibn Hischa, Ibn Hisham e Ibn Hawkal. No entanto, esses fragmentos constituem-se vagos, e o essencial da documentação é fornecido pela epigrafia local e pelo material arqueológico que se foi reunindo com o passar dos anos, constituindo a principal fonte documentária a respeito da civilização axumita. Nesse sentido, a arqueologia vai descobrindo a singularidade das conquistas materiais de Axum, sendo sua raiz africana um aspecto particular.

Assim como em solo wakandano a ancestralidade e a espiritualidade estão presentes (seja na memória e na devoção aos antepassados ou no culto ao deus Pantera), em Axum, monumentos (principalmente estátuas) em vastas proporções denotam honra a uma específica divindade. Segundo o autor, descobriu-se em Axum uma pedra lisa, com pegadas de 92 cm, essa pedra teria sido utilizada como suporte de uma estátua. Contudo, as inscrições de Ezana informam que ele erigiu estátuas em honra da

divindade, e num dos textos se lê o seguinte: “Em sinal de reconhecimento Aquele que nos criou, Ares, o invicto, erigimos estatuas a Sua gloria, uma de ouro, outra de prata e três de bronze” (ANFRAY, 2010, p. 389).

Anfray assinala que, na qualidade de ancestral étnico, Ares é denominado “deus dos axumitas” nas inscrições de Abba Pantalewon. Enquanto divindade dinástica e tribal dos axumitas, Mahrem-Ares era chamado pelos reis “o maior dos deuses”, ancestral dos reis. Por sua vez, a qualidade primeira de Mahrem era a de deus progenitor e protetor dos axumitas; outro atributo seria o de invencível deus da guerra; teria sido considerado como o rei dos deuses. Assim, era a ele que os reis de Axum consagravam seus tronos vitoriosos tanto na própria Axum como nas regiões que conquistavam. Já, o culto dos antepassados, especialmente dos reis mortos, ocupava um lugar importante na religião axumita. De acordo com o autor:

Mandava o costume que se lhes dedicassem estelas: *hāwelt*, palavra derivada da raiz *h-w-l*, significa “ficar em volta” ou “adorar”. As vítimas dos sacrifícios eram levadas aos altares e ao pedestal das estelas, esculpido em forma de altar, e o sangue escorria para cavidades talhadas em forma de bacias. As sepulturas dos reis axumitas eram consideradas como os lugares santos da cidade. (ANFRAY, 2010, p. 419).

A partir dos estudos arqueológicos analisados por Anfray, e da discussão proposta pelo mesmo, podemos concluir que o reino de Axum é de certo modo a personificação de Wakanda ou vice-versa. Assim, é na ficção de quadrinhos que, Wakanda assume e representa o potencial cultural, econômico e político africano, de maneira tal que, reflete, rememora e evoca o reconhecimento desses lugares, deslocados, fora de todos os lugares, porém reais/existentes. A obra *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014), avulta reflexões acerca das tradições e culturas negras, sublinha uma história factual de luta e embora presente através da voz de determinados personagens estereótipos e imaginários sobre o negro, a partir destes, possibilita desmitificar contemporaneamente a imagem de subalternidade dos negros, lançando um olhar ao que está posto e ao que deveria ser.

Considerações finais

Através das análises realizadas nesta pesquisa, pode-se perceber que, embora por muito tempo os negros tenham ocupado espaço de menor poder e conseqüentemente de desprestígio na sociedade, atualmente o quadro têm se alterado. Alguns artistas aparentemente preocupados com questões étnico-culturais se utilizam das artes dos quadrinhos para apresentar e representara(s) cultura(s) negra(s), a exemplo da obra de Hudlin e Romita Jr., *Black Panther: who is the Black Panther?* (2014). Nela, percebeu-se a representação do continente africano e uma nova leitura acerca da comunidade negra e suas culturas através do super-herói Pantera Negra e do seu espaço ancestral Wakanda.

Ao apresentarmos o majestoso Pantera negra percebemos ao fim que o super-herói é uma outra representação (quadrinhística e norte-americana saliente-se) do homem africano. De modo particular o Pantera Negra (re)apresenta e representa o ser negro, sua cultura(s), seu povo e os valores de um continente. Nesse sentido, (re)adéqua o imaginário distorcido acerca do negro e centraliza o africano, à medida que lhe atribui protagonismo. Sua narrativa salienta a importância de lutar contra todo e qualquer tipo de exploração. Portanto, destrói a velha ordem para criar uma nova, e mostra um caráter fundamentalmente revolucionário, radical, pois não aceita mediações ou contemporizações, – é ele, o sujeito da história por excelência.

No segundo momento avistamos a concepção de heterotopia. Através dessa concepção, foi possível reconsiderar na sociedade a presença do espaço marginalizado, inconstante; isto é, o espaço outro ou o outro espaço, que muitas vezes se passam despercebidos. Compreender Wakanda como heterotopia implica em dar visibilidade de indivíduos e fenômenos que poderiam permanecer no escuro pelas leituras universalizantes. Ademais, em se tratando de um país fictício situado na África, é através desse espaço outro que podemos questionar a verdadeira história do continente africano, reconhecer uma nova leitura de África. Assim, é na ficção de quadrinhos que Wakanda assume e representa o potencial cultural, econômico e político africano, de maneira tal que reflete, rememora e evoca o reconhecimento desses lugares, deslocados, fora de todos os lugares, porém reais/existentes.

Podemos compreender que, a obra *Black Panther: who is the Black Panther?* de Reginald Hudlin e Romita Jr., e outros textos a ela filiados, podem avultar reflexões acerca da ancestralidade, tradições e culturas negras, em especial a partir da organização e cultura wakandana. Na obra, os personagens negros, em especial o Pantera Negra

T'Challa, detentores de tecnologia avançada, preservam na memória, suas tradições e seus antepassados, vivem em contato com o sagrado que de certo modo expressam as suas específicas manifestações culturais. Tal narrativa representa as transformações afeitas ao super-herói negro, antes submetido ao espaço “menos valorizado” em relação a outros super-heróis, hoje é o dono do seu próprio destino.

Além de sublinharem a história factual de luta dos povos negros, a HQ nos leva a questionar, repensar, reconhecer e por fim valorizar processos históricos e étnico-culturais da comunidade negra, lançando um olhar ao que está posto e ao que deveria ser. Embora a obra apresente através da voz de determinados personagens estereótipos e imaginários sobre o negro, os autores destacam as representações do Pantera Negra e de Wakanda, de modo a desmistificar contemporaneamente a imagem de subalternidade dos negros, possibilitando uma visão e leitura positiva. Obras como *Black Panther: who is the Black Panther?* podem influenciar na construção de uma identidade afirmativa/apropriada do povo negro, elevando sua autoafirmação identitária.

Salientamos que a pesquisa se encontra em constante movimento, portanto aberta às possíveis considerações e contribuições, podendo ser utilizada, quem sabe, como suporte para novas pesquisas dentro e/ou fora da academia. Seu caráter é, de fato, constantemente renovável.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **O corpo negro e os preconceitos impregnados na cultura**: uma análise dos estereótipos raciais presentes na sociedade brasileira a partir do futebol. Revista: Movimento, Porto Alegre, v.17, p. 265-280, out/dez de 2011.

ANFRAY, F. **A civilização de Axum do século I ao século VII**. In: MOKHTAR, Gamal. História geral da África II: África antiga. Brasília: UNESCO, 2.ed, p.376-397, 2010.

BORGES, Anderson. **Escovar a história a contrapelo**: uma reflexão sobre história e literatura em *Beloved*, de Toni Morrison. Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 1-11, 2011.
Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3744>>
Acesso em: 04/10/2016.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 10 ed, 1997.

CASSAL, Alex de Barros. **A solidão do herói**: prisão, clandestinidade, exílio e outros isolamentos no cinema brasileiro. Rio de Janeiro: mimeo, 2001.

DAMASCENO, Daniela dos Santos. **Fabulações da diáspora**: análise de possíveis diálogos entre o romance “Os estandartes” (1995), de Aline França, e a HQ “Black Panther: who is the Black Panther?” (2014), do roteirista Reginald Hudlin e desenhista John Romita Jr. Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras, v. 6, n.1, p. 21-35, 2016.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução Salma Tannus Muchail. 8° ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **De outros espaços**. Conferencia (no Cercle d'études architecturales, 14 de março 1967), in Architecture, Mouvement, Continuité, n°5, outubro 1984.

HUDLIN, Reginald; ROMITA JR, John. **Black Panther**: who is the Black Panther?. Tradução de Caio Lopes, Dorival Vitor Lopes & Helcio de Carvalho. São Paulo: Ed. Salvat, 2014.

LEE, Stan; KIRBY, Jack. **Fantastic Four**: the Black Panther. Ed: Marvel comics, v. 1, #52, 1966.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo, SP: EPU, 2002.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente**. Barcelona, Paidós, 1990.

Recebido em: 23/09/2017

Aprovado em: 02/12/2017